

## CRIANÇAS PEQUENAS X TELAS E DISPOSITIVOS ELETRÔNICOS: UM DEBATE A PARTIR DE MATÉRIAS DA REVISTA CRESCER

Elise de Moraes<sup>1</sup>  
Tainara Paula Bavaresco<sup>2</sup>  
Tania Mara Bavaresco<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como foco a temática da(s) infância(s) contemporânea(s), na relação com as mídias e a educação. O estudopretendia, sobretudo, compreender e problematizar a exposição de crianças pequenas a telas eletrônicas, a partir da análise de matérias veiculadas pela Revista Crescer – publicadas entre 2014 e 2020. A metodologia adotada foi a análise de conteúdo, com ancoramento teórico nos Estudos Culturais e Estudos da Infância. Por meio do posicionamento e dos argumentos apresentados pelas matérias sobre a exposição das crianças às telas, foram construídas quatro categorias analíticas, que avaliaram aspectos sobre: luminosidade, linguagem, corporeidade e rendimento escolar. Os resultados desta análise apontam para o fato de que os artefatos midiáticos têm buscado respostas para o tema em estudos da área da saúde, indicando que ainda há necessidade de maior aprofundamento desta discussão no campo da educação. O estudo pretende contribuir com o debate nas escolas infantis, a fim de subsidiar as práticas pedagógicas, por meio da construção de uma argumentação sólida a favor ou contra o uso de telas eletrônicas e tecnologias digitais.

**Palavras-chave:** Infância. Mídias Eletrônicas. Artefatos Culturais. Telas.

**Abstract:** This paper focuses on the theme of contemporary childhood in the relationship with the media and the education. The study aimed to understand and problematize the exposure of young children on electronic screens, based on the analysis of articles published by Revista Crescer - between 2014 and 2020. The methodology adopted was content analysis, with theoretical anchor in Cultural Studies and Childhood Studies. Through the positioning and the arguments presented by the articles on the exposure of children to the screens, four analytical categories were constructed, which evaluated aspects about: luminosity, language, corporeality and school performance. The results of this analysis point to the fact that media artifacts have sought answers to the topic in health studies, indicating that there is still a need for further discussion in the field of education. The study intends to contribute to the debate in Early Childhood Schools, in order to subsidize pedagogical practices, through the construction of a solid argument in favor or against the use of electronic screens and digital technologies.

**Key-words:** Childhood. Electronic media. Cultural artifacts. Screens.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo apresenta uma pesquisa de trabalho de conclusão, do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, Campus Chapecó, SC. A pesquisa teve como temática mais ampla a infância e a mídia na contemporaneidade e o objeto do estudo foi a exposição de crianças pequenas a telas de dispositivos eletrônicos. O objetivo principal foi compreender e problematizar a discussão sobre a exposição de crianças pequenas a telas, tomando como materialidade a Revista Crescer, a partir da análise de

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro/PUC-Rio, Rio de Janeiro-RJ. Mestre em Educação pela Universidade Federal, UFFS-Campus Chapecó-SC. E-mail: elisedemoraes@gmail.com

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Chapecó-SC. E-mail: tainarabavaresco12345@gmail.com

<sup>3</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Chapecó-SC. E-mail: taniabavaresco986@gmail.com

matérias sobre o tema, publicadas por meio da plataforma *online* deste veículo. Buscou-se responder à questão central sobre qual o posicionamento da Revista Crescer em relação ao contato de crianças pequenas com telas de dispositivos eletrônicos.

A pesquisa se justifica na constatação de que, na contemporaneidade, as crianças entram em contato com telas cada vez mais cedo, seja por meio do que os adultos ao seu redor consomem – com a utilização de celulares, tablets e assistindo à televisão – seja consumindo produções específicas para a sua faixa etária. Cada vez cresce mais o número de produções específicas para cada idade, e as próprias plataformas virtuais, como *You Tube* e *Netflix*, são muito consumidas por crianças bem pequenas, tanto no contexto familiar quanto escolar. O mercado de produção audiovisual tem identificado nos bebês e nas crianças pequenas (0-5 anos) um nicho consumidor muito potente, investindo em produções com cores, músicas e movimentos capazes de fixar a atenção das crianças por um longo período.

Cabe como justificativa para a realização da pesquisa, a observação das autoras, no decorrer de estágios curriculares realizados durante o curso de Pedagogia que, em escolas infantis, as professoras têm por hábito exibir animações que apresentem conteúdos que julgam importantes para suas práticas pedagógicas ou que possam contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo de forma lúdica. Assim, percebe-se que o audiovisual tem ocupado um tempo significativo da criança na escola, desde o berçário até os últimos níveis da Educação Infantil. Embora se soubesse que o audiovisual pode ser apresentado às crianças como produção artística e que pode contribuir para a formação do gosto pelo cinema, durante a experiência de estágio, evidenciou-se que muitas escolas têm feito um uso pouco intencional desses audiovisuais, muitas vezes, exibindo produções como “A Galinha Pintadinha”, “Peppa Pig”, entre outros, para ocupar o tempo das crianças.

Em 2020, com a pandemia de corona vírus e com o fechamento das escolas infantis, a pesquisa ganha outra relevância, já que as crianças passam a ficar isoladas em casa, na convivência restrita dos familiares mais próximos. As mídias eletrônicas se tornam um dos poucos entretenimentos para todas as idades, mas, tratando especificamente das crianças pequenas, se antes existia um movimento que incentivava a restrição de exposição às telas, hoje isso tem se flexibilizado e a discussão sobre os benefícios e os malefícios do uso dessas tecnologias está aquecida.

Nesse processo, em meio a tantas vozes e opiniões divergentes, julgou-se importante analisar de que forma alguns teóricos no campo da educação discutem o tema pelo viés dos Estudos Culturais, em diálogo com os Estudos da Infância.



Pode-se afirmar que os “Estudos Culturais não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplina interatuam, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade” (HALL et al 1980 apud ESCOSTEGUY, 1998, p. 88).

Os Estudos Culturais têm construído importantes contribuições ao campo da educação, considerando que estudos “conectados com a pedagogia democrática para as crianças envolvem investigações de como a consciência das crianças se produzem em torno de relações igualitárias de poder e justiça social”. (STEINBERG; KINCHELOE, 2001, p. 18).

Desde o surgimento das discussões acadêmicas dos Estudos Culturais, um dos conceitos em destaque é o das chamadas pedagogias culturais, que diz respeito a processos de aprendizagem que extrapolam a educação formal. Segundo Steinberg e Kincheloe (2001, p. 14),

[...] no âmbito da abrangente expressão *pedagogia cultural*, que enquadra a educação numa variedade de áreas sociais, incluindo mas não se limitando à escolar. Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc.

Nesse cenário, a educação vai além do âmbito escolar, podendo constituir sujeitos e identidades nos quais “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido – em conexão com relações de poder – no processo de transmissão de atitudes e valores [...] pode ser entendido como uma pedagogia cultural” (SILVA 2000 apud COSTA; ANDRADE, 2015, p.845). Assim, tais pedagogias podem produzir saberes, modos de ser, além de funcionarem como dispositivos pedagógicos que conduzem diversas percepções.

O estudo sobre o modo como operam as pedagogias culturais traz à tona o debate sobre os artefatos culturais e a sua função nos processos educativos. Para Magalhães e Ribeiro (2013, p. 45), esses artefatos “ensinam modos de ser, estar e entender o mundo, construindo e reproduzindo significados sociais”. Então, revistas, músicas, programas de televisão, jornais, livros, filmes e outros, são vistos como artefatos culturais, formados por representações criadas de significados na cultura. Desse modo, os artefatos percorrem o cotidiano, ensinam coisas para quem entra em contato com eles, possibilitando criar sentidos, objetivos, funções, significados e adquirindo conhecimento por meio deles, o que, muitas vezes, influencia nas maneiras de comportamento das pessoas em sociedade, incluindo as crianças. Nesta pesquisa, a Revista Crescer é pensada como um artefato cultural, pois o veículo produz conteúdo a um



público específico, que apóia mães e pais na criação/educação dos seus filhos, ensinando sobre desenvolvimento e comportamento infantil. Sabe-se que, no processo de tornarem-se mães e pais, muitas pessoas buscam uma preparação a partir de livros, revistas ou blogs. A mulher, nesse contexto, é quem mais consome conteúdo desta natureza, e desde a gravidez tende a buscar esse tipo de conteúdo na internet. Essa constatação é possível por meio de uma busca em plataformas virtuais de informação e mídias sociais, em que o conteúdo voltado ao público feminino ainda é maior do que para o masculino.

Optou-se por uma pesquisa de abordagem metodológica qualitativa, de caráter bibliográfico e análise de conteúdo (BARDIN, 1977). A análise dos dados se pautou na análise de conteúdo elaborada por Bardin (1977), que estabelece três etapas essenciais de análise: a) pré-análise; b) exploração do material; c) tratamento dos resultados (inferência e interpretação), as quais foram adaptadas. Também, foram construídas quatro categorias para a análise – “luminosidade”, “linguagem”, “corporeidade” e “rendimento escolar”, por meio do posicionamento e dos argumentos sobre a exposição de telas na primeira infância, apresentadas a partir de 25 matérias selecionadas, publicadas entre os períodos de 2014 a 2020.

Ao pensar em crianças em diálogo com os Estudos Culturais, é preciso considerar que “infância” é um conceito recente, que vem sendo construído e modificado ao longo do tempo. O estudo sobre a infância teve impacto com o trabalho do francês Philippe Ariès (1914-1984), escrito no início dos anos 1960. Entre a antiguidade e a era medieval, no Ocidente (século XII), ignorava-se a infância. Segundo Ariès (1894, p. 99),

[...] o sentimento da infância não existia- o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade

infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia.

Nesta perspectiva, os séculos foram marcados por mudanças e, ao longo da história, o conceito de infância passou por inúmeras transformações, sendo construído socialmente e tomando forma por meio da cultura. Fatores como o ingresso da mulher no mercado de trabalho e a revolução industrial também influenciaram para estas mudanças. Além disso, instituições de atendimento à infância foram criadas no decorrer dos anos, como creches e jardins de infância, para cuidarem dos filhos de mães trabalhadoras.

A partir da Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), a criança passa a ser vista como um sujeito completo e de direitos, repleta de singularidades, anseios, particularidades, que precisa ser respeitada, protegida, valorizada. Em 1988, foi criada a versão mais recente da Constituição Federal. A partir dela foi aprovada a Lei 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA) e a Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Somam-se a elas, na regulamentação de políticas direcionadas à infância, a Política Nacional de Educação Infantil (1994), bem como orientações curriculares, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil (Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009), considerando as potencialidades, os direitos infantis e definindo princípios. Ainda assim, foram necessárias muitas lutas e ainda hoje se faz necessária a busca pelo reconhecimento dos direitos das crianças, justamente por ser uma conquista recente.

Devido às transformações ocorridas a partir dos últimos anos do século XX, alguns autores consideram que tenha ocorrido um “desaparecimento” da infância, associado à ascensão das tecnologias digitais, da comunicação eletrônica, da informação, enquanto, até então, o conhecimento era disseminado apenas pelos livros. Neste contexto contemporâneo, repercute o papel da mídia, “[...] não apenas refletindo as mudanças sociais e culturais mais amplas, mas também as produzindo” (BUCKINGHAM, 2000, p. 275), influenciando nas relações das pessoas e, principalmente, no comportamento das crianças.

Assim, segundo Steinberg e Kincheloe (2001, p. 32-33):

Programas de TV, cinema (agora na TV a cabo), videogames e música (com fones de ouvido que lhes permitem se isolar dos adultos) são agora o domínio privado das crianças. [...] noções tradicionais da infância como um tempo de inocência e de

dependência do adulto foram minadas pelo acesso das crianças à cultura popular durante o século XX.

As crianças em contato com as mídias recebem inúmeras informações, “[...] a TV abre-lhes as portas a experiências antes reservadas aos adultos: cenas de violência ou de intimidade sexual [...]” (BUCKINGHAM, 2000, p. 38), abalando sua inocência. Nisso, percebe-se um tipo de conhecimento inapropriado e prejudicial a elas, corrompendo a autoridade do adulto, pois antes eram protegidas desse tipo de conteúdo.

Embora a televisão venha recebendo muitas críticas pela forma como dialoga com a criança, “as novas tecnologias de mídia, em especial, são consideradas capazes de oferecer às crianças novas oportunidades para a criatividade, a comunidade, a auto-realização”

(BUCKINGHAM, 2000, p. 66). Nesta perspectiva, a relação entre crianças e as tecnologias digitais, os computadores e as novas formas de comunicação e cultura vem também sendo entendidos como benéficos na promoção aprendizagens e interações. Por outro lado, Postman (1992 apud BUCKINGHAM, 2000, p. 66-67):

[...] acusa a tecnologia de desumanizar, destruir as formas naturais da cultura e da comunicação em favor de uma burocracia mecanicista. Como à televisão, aos computadores também é atribuído o papel de abalar a racionalidade, a moralidade, a coerência social, e de gerar caos e confusão.

Neste ponto de vista, o autor descreve a tecnologia digital, os computadores como prejudiciais às crianças, enquanto papel de entretenimento, pois fazem com que modifiquem seus comportamentos, o desempenho, a aprendizagem e prejudiquem a interação familiar e com outras pessoas, tornando-se um “vício” para elas. Na sequência, apresenta-se o percurso metodológico e estrutura de análise da pesquisa.

## **PERCURSO METODOLÓGICO E ESTRUTURA DE ANÁLISE**

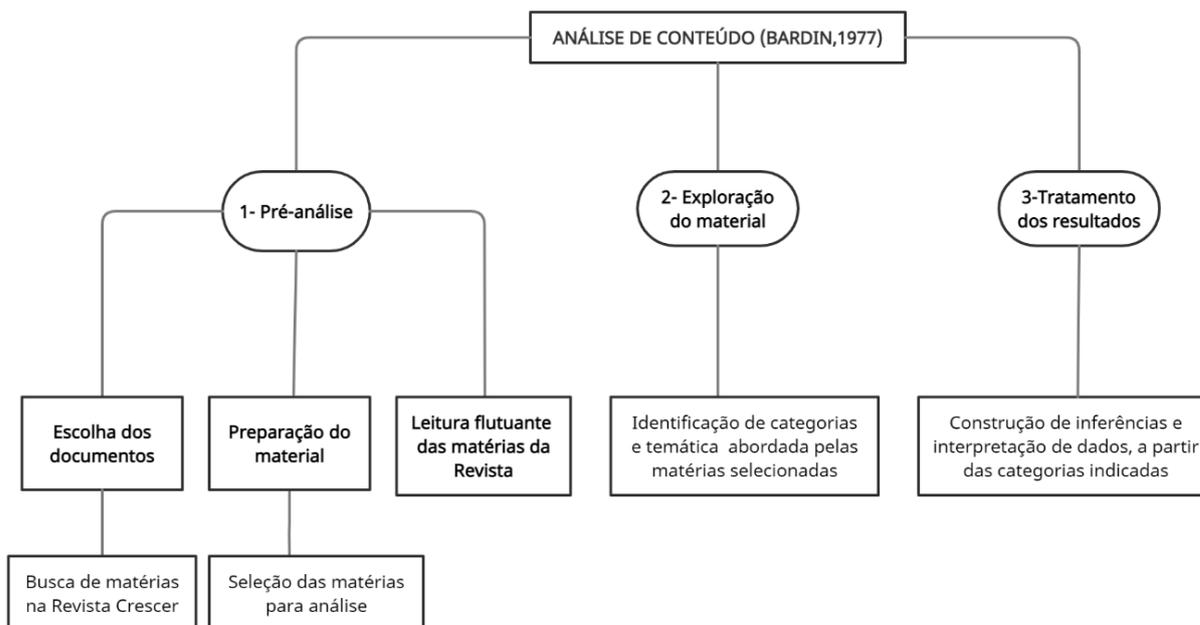
A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa, uma tipologia de pesquisa que se propõe a trabalhar com significados, motivos, valores, atitudes e crenças (MINAYO, 2009). A pesquisa qualitativa permite a imaginação, a criatividade, fazendo com que os pesquisadores descubram novos olhares para seus trabalhos, pois “ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes (GODOY, 1995, p. 21)”. O referencial teórico foi estudado a partir de uma revisão bibliográfica a respeito dos Estudos da

Infância, que apoiou a análise que será apresentada nas inferências produzidas como resultados. A pesquisa também é de caráter documental, pois se analisou um artefato cultural, a Revista Crescer. A análise documental “[...] é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos” (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 4-5). Adotou-se, portanto, a metodologia de Análise de Conteúdo, desenvolvida por Bardin (1977, p. 42), que pode ser considerada

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Bardin (1977) estabelece três etapas fundamentais para o desenvolvimento da análise, que nesta pesquisa foram adaptadas conforme apresenta o diagrama:

Figura 1 - Etapas de análise



Fonte: Bardin, (1977) / Adaptado pelas autoras.

De acordo com o diagrama, os procedimentos realizados compreenderam: a) Pré-análise: escolha do artefato que seria analisado; apresentação e caracterização da Revista;

busca de matérias sobre o tema estudado; e escolha das matérias que seriam analisadas; b) Exploração do material: processo de criação de categorias e separação das matérias localizadas por categoria e; c) Tratamento dos resultados (inferência e interpretação): análise do conteúdo das matérias a partir de cada uma das categorias estabelecidas.

No percurso metodológico da pesquisa, o primeiro passo foi a seleção de um veículo informativo no qual buscaríamos matérias sobre o tema que vinha sendo estudado. A intenção inicial era trabalhar com plataformas virtuais que dialogassem diretamente com área da educação e que ajudassem educadores a formarem opinião sobre o tema. Elencou-se um artefato de grande relevância no mercado editorial no Brasil, a *Revista Crescer*. A plataforma foi escolhida por ser um veículo conhecido nacionalmente, que publica matérias sobre crianças, bebês e infância, bem como acerca do tema da pesquisa, o que se comprovou a partir do primeiro contato com as matérias da Revista.

A Crescer é uma Revista brasileira publicada mensalmente pela Editora Globo. A primeira edição impressa da Revista foi publicada em novembro de 1993.

Figura 2 - Primeira capa da Revista Crescer



Fonte: Revista Crescer, 1993

Por meio de uma avaliação do percurso da Revista Crescer, a partir de sua criação até os dias atuais, pode-se identificar que a Revista é endereçada principalmente a mães, já que, por muitos anos, seu conteúdo (bebês, crianças, desenvolvimento, comportamento infantil, entre outros) dirigia-se ao público materno, conforme demonstra a capa da primeira edição da Revista, publicada em 1993 (Figura 2). Percebe-se que atualmente a Revista se propõe a dialogar também com os pais, como uma tentativa de aproximar o público masculino, trazendo textos sobre paternidade.

A Revista Crescer é publicada também em Portugal (Crescer Contigo), pelo grupo Impala. Hoje, a Crescer brasileira é distribuída em sua forma impressa, mensalmente. Contudo, optou-se por analisar apenas o conteúdo publicado por meio da versão *online* da Revista, que é disponibilizada por meio de um site próprio. A Revista ainda marca presença em diferentes mídias sociais, como: Facebook, Twitter, Instagram e Pinterest. Grande parte do conteúdo *online* pode ser acessado gratuitamente, mas também há uma gama de conteúdos oferecidos exclusivamente para assinantes. Para ter acesso ao conteúdo da plataforma é necessário criar uma conta, que também dá acesso a outras páginas do grupo editorial Globo. Importante salientar que se analisou apenas o conteúdo disponível gratuitamente, ao qual mais pessoas tem acesso. Em sua plataforma *online*, a Revista Crescer apresenta um sumário em que oferece ao leitor um índice de assuntos vinculados a conteúdos informativos, que abordam temas específicos sobre a infância. Uma leitura flutuante do conteúdo da Revista nos põe diante de temáticas como: desenvolvimento infantil, comportamento, saúde, sono, educação,



segurança, escola, amamentação, alimentação, rotina, fraldas, parto, pós-parto, moda, beleza, literatura infantil, livros, relacionamento e trabalho, dentre outros. A Revista também apresenta um conteúdo com viés de entretenimento, a exemplo de notícias sobre mães e pais artistas/famosos. O conteúdo *online* da Revista se caracteriza por uma dinâmica de interatividade com o leitor. Com atualização diária, a Revista publica dicas, indicações e práticas para o cotidiano das famílias, como: cultura, lazer, decoração, moda, rotina, alimentação, filhos, segurança, sugestões de livros, entre outros.

A Revista conta com 28 colunistas, dentre os quais, alguns são mães e pais que escrevem sobre maternidade e paternidade por meio de suas vivências. Também conta com especialistas (pediatras, psicólogos, médicos, nutricionistas), profissionais e influenciadores digitais, que auxiliam na produção do conteúdo.

A busca de matérias sobre o tema da pesquisa na Revista Crescer foi orientada pelas questões a seguir:

- Quando foram publicadas as primeiras matérias sobre a exposição de crianças pequenas às telas pela Revista?
- Onde (em que país) a discussão se origina?
- Que posicionamentos estão subjacentes nas matérias, contra ou a favor à exposição de crianças a telas?
  
- De que área são os profissionais consultados para a elaboração das matérias?
- Qual é o argumento principal apresentado pelas matérias?
- Na plataforma virtual da Revista Crescer, buscou-se por matérias pelo tópico “notícias”, a partir de termos específicos e da flexão de palavras-chave: “uso de telas”, “crianças”, “bebês”, “tecnologias digitais”, “televisão” e “mídias eletrônicas”, o que resultou em um total de 35 matérias. Não se estipulou um ano inicial como recorte para a busca do conteúdo, visando identificar quando o assunto entrou em voga na Revista. As matérias localizadas foram exibidas em ordem cronológica, mostrando em destaque as palavras-chave buscadas.
- Das 35 matérias localizadas, identificou-se a relevância de 25, que foram selecionadas para análise, eliminando-se 10 por não se aproximarem diretamente ao tema ou não trazerem argumentos interessantes para a análise. Outras tratavam de assuntos sobre crianças maiores (ou até adolescentes e jovens) ou não se especificava a faixa etária das crianças.

- A Figura 3 apresenta a quantidade de matérias localizadas (eixo Y), distribuídas pelo ano em que foram publicadas (eixo X):

Figura 3 - Quantidade de matérias localizadas por ano



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conforme registra o diagrama, o tema passa a ser discutido pela Revista a partir de 2014, tendo sido entre 2018 e 2019 o maior fluxo de publicações. Entre 2015 e 2017, percebe-se que

ocorreu um menor fluxo de matérias publicadas sobre o assunto. Em 2020, com a pandemia de corona vírus, quando o assunto passa a ser mais discutido socialmente, a Revista publicou (até o momento em que a pesquisa foi realizada), três matérias – em geral, retomando pautas publicadas anteriormente. Assim, temos uma somatória total de 25 matérias escolhidas.

Uma análise das 25 publicações selecionadas não deixa claro em que país se origina a discussão sobre a influência destas tecnologias no desenvolvimento infantil, mas são apresentados estudos realizados, principalmente, na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Canadá, e, também, no Brasil (embora em menor quantidade).

A Revista Crescer distribui as matérias publicadas em sua plataforma virtual por categorias, que correspondem a uma organização própria do conteúdo da Revista. Porém, com uma leitura inicial das 25 matérias selecionadas, identificou-se a presença de argumentos

semelhantes. Esta primeira leitura nos pôs diante de um embate: embora a intenção inicial fosse operar no campo da educação, encontramos, predominantemente, matérias direcionadas

à área da saúde, que em sua maioria abordavam o uso de telas por crianças como fator prejudicial ao desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico e intelectual das crianças. Com isso, propõe-se um olhar investigativo para esse conteúdo, tentando identificar diferentes aspectos desse posicionamento contra o uso de telas na primeira infância e os argumentos que essas matérias apresentavam. Com isso, constituíram-se quatro novas categorias para análise, como demonstra o diagrama.

Figura 4 - Construção de categorias



Fonte: Elaborado pelas autoras.

As quatro categorias de análise construídas correspondem à: a) Luminosidade: argumentos das matérias que apontam malefícios associados à luz dos aparelhos eletrônicos, distúrbios visuais (cansaço visual, olho seco) e miopia, e também correspondem a distúrbios do sono; b) Linguagem: diz respeito a: dificuldades na fala, sociabilidade, interação, afetividade (vínculo), ansiedade e até mesmo suspeita de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH); c) Corporeidade: reúne argumentos que associam a exposição de crianças pequenas às telas a dificuldades motoras (desenvolvimento/habilidade motora), sedentarismo, obesidade, postura, dores musculares, entre outras; d) Rendimento escolar: esta categoria surge como consequência dos outros malefícios relacionados à exposição das crianças pequenas às telas, que trariam prejuízos à vida da criança como estudante. Dentre essas dificuldades, cita-se: comportamento (irritabilidade, agressividade), aspectos cognitivos (cérebro, atenção, concentração), desinteresse e cansaço (questão física).

## **INTERPRETAÇÃO E INFERÊNCIAS**



Com a análise, procurou-se responder às questões norteadoras que orientaram metodologicamente a pesquisa. Identificou-se que o tema sobre a exposição de crianças às telas de tecnologias eletrônicas passou a ser discutido no conteúdo publicado pela Revista Crescer a partir de 2014. Ainda assim, não fica claro de que país se origina as primeiras publicações ou estudos que servem de base para as matérias, pois o debate foi se alastrando para diversos países gerando mais estudos, pesquisas e discussões entre especialistas de diferentes universidades e institutos, predominantemente, na área da saúde. Neste sentido, os profissionais consultados geralmente são: psicólogos, pediatras, neuropediatras, oftalmologistas, neurocientistas, psicopedagogos e outros especialistas da área da saúde, endossados por jornalistas e consultores da própria revista. É possível apontar, criticamente, que o conteúdo das matérias é voltado para a área da saúde, tidos como se fossem os “principais” consultores sobre infância e criança que discutem o assunto, secundarizando o papel do campo da educação neste debate.

As matérias selecionadas estão direcionadas a argumentos que orientam contra o uso de aparelhos eletrônicos até os dois anos de idade, por serem prejudiciais ao desenvolvimento e ao comportamento de bebês e crianças pequenas. Os argumentos fundamentais das matérias apresentam o quanto o uso excessivo de telas pode ser prejudicial para a primeira infância, s

servindo como alerta para os pais. Alguns conteúdos indicam, de forma direta, recomendações para pais e crianças, de acordo com cada faixa etária, baseadas em orientações de organizações e associações da área da saúde, como: a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), Academia Americana de Pediatria (AAP), Associação Americana de Psicologia (APA, nos Estados Unidos) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), evidenciando a moderação, o controle de horários, de tempo e de conteúdo aos quais os pais devem estar atentos.

A partir das categorias estabelecidas – “luminosidade”, “linguagem”, “corporeidade” e “rendimento escolar” – foram produzidas inferências importantes como resultados da pesquisa. A primeira categoria analisada aborda a luminosidade das telas como possível aspecto prejudicial à visão e ao sono das crianças. Os argumentos dessa categoria foram identificados em 22 matérias analisadas, localizados por meio das palavras-chave “visão” (em 10 matérias) e “sono” (em 12 matérias). Nessas matérias, associa-se a luz emitida por aparelhos eletrônicos a distúrbios visuais (cansaço visual, olho seco e miopia) na primeira infância. Segundo especialistas consultados ou estudos apresentados, devido ao fato de as crianças ficarem por muito tempo expostas às telas, essas poderiam desenvolver problemas na

visão. A exemplo disso cita-se o argumento apresentado em uma matéria publicada em 2019, por meio de fala da oftalmologista Rosa Maria Graziano, que afirma que estaríamos

[...] vendo um número crescente de crianças com 'olho seco', que, até então, era um problema relatado apenas pelos adultos [...]. Normalmente, piscamos de 15 a 20 vezes por minuto, mas quando estamos olhando algo fixamente - como para uma tela -, para não perder a definição daquilo, o cérebro regula a quantidade de piscadas para cerca de 2 a 3 vezes por minuto. E se você faz isso demoradamente, causa o chamado olho seco, dando a sensação de areia ou cisco nos olhos, eles ficam com aspecto avermelhado e irritado. (CRESCER, 2019a, s/p).

Sobre esse aspecto, da luminosidade das telas como prejudicial à visão das crianças pequenas, outra matéria de 2019 diz que em frente aos dispositivos eletrônicos as crianças ficam com os olhos cansados, o que contribuiria de forma indireta para o desenvolvimento de miopia. Porém, outra matéria, do mesmo ano, alerta que ainda não existem pesquisas suficientes que comprovem a relação das telas com a miopia, mas que o uso dessas tecnologias por longas horas é um dos fatores que pode causar o distúrbio. A partir desses dados, percebe-se que não há total comprovação de alguns argumentos por parte de

especialistas, e que esses apenas apresentam indícios do que as telas podem causar na visão de perto.

Outra questão que está atrelada à luz dos aparelhos eletrônicos e que tem sido fonte de debate é a associação ao sono das crianças. Os estudos apresentados indicam que a luminosidade das telas vem diminuindo a produção de melatonina (hormônio do sono), conforme explica a especialista Letícia Sosler, em uma matéria publicada em 2018:

A nossa retina é muito sensível ao feixe de luz, principalmente azul [característico de telas de aparelhos eletrônicos]. Como a sensibilidade da criança à luz é ainda maior que a do adulto, isso atrasa seu pico de melatonina, com um impacto maior no sono. Então, o adulto pode até ver televisão e dormir em seguida, mas a criança terá dificuldades. No final das contas, tablets e smartphones, muitas vezes usados para acalmá-las, podem dificultar que elas peguem no sono. (CRESCER, 2018b, s/p).

Conforme expõem as matérias, a exposição da luz brilhante das telas estaria influenciando na qualidade do sono das crianças. De acordo com o argumento de uma matéria publicada em 2019, “a luz emitida pelas telas de aparelhos como os smartphones e tablets tem provocado uma série de mudanças no corpo humano, afetando, por exemplo, o nosso ritmo circadiano, o relógio interno que regula o sono, e a renovação das células, entre outras funções (CRESCER, 2019, s/p)”. A análise desta categoria se relaciona diretamente com a



categoria que aborda o rendimento escolar das crianças. De acordo com os argumentos apresentados em diferentes

matérias, sem perceberem, os pais estariam autorizando as crianças a utilizarem dispositivos eletrônicos por muito tempo, continuamente, podendo gerar mudanças de humor por falta de sono, fazendo com que, no dia seguinte, essas permaneçam cansadas e, com o passar do tempo, podendo interferir negativamente na saúde e no comportamento na escola. O recomendável por especialistas seria evitar o uso de telas, especialmente, antes de dormir. Porém, Takemoto e Brostolin (2015, p. 76) nos dizem que: “[...] precisamos conhecer para entender que hoje as crianças vivem cercadas de tecnologias que fazem com que não só sua infância seja diferente da nossa, mas também suas formas de se relacionar, agir e aprender. Essa nova geração tem recebido várias denominações”.

A segunda categoria está direcionada à Linguagem, a partir da identificação de temas que se relacionam, como: dificuldades no desenvolvimento da “fala”, “sociabilidade”, “interação”, “afetividade”, “ansiedade”, e até mesmo “Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)”. A categoria é abordada, ainda que de forma bastante superficial, por nove matérias.

De acordo com especialistas consultados, o uso excessivo de aparelhos eletrônicos chegaria a causar atrasos na linguagem de bebês e crianças pequenas, interferindo em sua interação social. Desse modo, “[...] quanto maior o tempo de tela, maior a probabilidade de o bebê apresentar atrasos no desenvolvimento da fala – 30 minutos de exposição diária já aumenta o risco em 50% (CRESCER, 2018a, s/p)”.

Posicionamentos de especialistas como o neuropediatra Antonio Carlos Farias, salientam que “até os três anos pelo menos, para o desenvolvimento da linguagem, a criança precisa da interação face a face” (CRESCER, 2014, s/p), visando estimular a fala e outras habilidades de comunicação. Outros argumentos apontam que a exposição excessiva às telas

poderia afastar a criança do meio social, ou até provocar ansiedade, quando se restringe o uso dos aparelhos, criando certa “abstinência” a eles. Para a pediatra Evelyn Eisenstein, estaríamos “banalizando a tecnologia e trocando o que a gente chama de aspecto afetivo do relacionamento mãe e filho por ela. Em vez de aconchegar os filhos, muitos os entretêm com os aparelhos eletrônicos (CRESCER, 2014, s/p)”. A partir dessas falas reforça-se a necessidade de que os pais e os familiares interajam com seus filhos. Por outro lado, “longe de destruir as relações humanas e as formas de aprender “naturais”, a tecnologia digital



vai liberar a espontaneidade e a imaginação inatas das crianças” (BUCKINGHAM, 2000, p. 70).

Identificou-se que há argumentos a favor e contra em relação à interação social e ao uso de dispositivos eletrônicos. Ainda na análise da categoria que aborda questões relativas à linguagem, levanta-se a questão do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), que aparece brevemente em uma matéria publicada em 2019, por meio do argumento de que crianças com cinco anos ou menos, que permanecem mais de duas horas por dia em frente aos aparelhos eletrônicos, poderiam ter uma dificuldade cinco vezes maior de concentração e sete vezes mais chances de apresentar sintomas do transtorno do que outras crianças que passam menos tempo em frente aos dispositivos.

A terceira categoria analisada expõe questões relativas à *Corporeidade*, sobre como a criança desenvolve aspectos físicos e motores associados à exposição às telas. 16 matérias apresentam temas ligados a esta categoria: “sedentarismo”, “obesidade”, “habilidade motora” e “postura corporal”. Essas matérias abordam aspectos relacionados ao tempo em frente às telas, principalmente à televisão, como uma questão que potencializa o sedentarismo e a obesidade na infância, os problemas de postura, as dores musculares (questões físicas), dificultando o desenvolvimento/ habilidade motora e outras. A questão do sedentarismo não aparece de forma explícita nas matérias analisadas, mas é discutida como um alerta para o risco de a criança desenvolver problemas motores, provocados pelo uso das telas. Cita-se entre os posicionamentos apresentados pelas matérias, o argumento de que “o excesso de peso, na grande maioria dos casos, é causado pela má alimentação e pela falta de exercícios físicos, já que, atualmente, as crianças passam muito tempo dentro de casa, em frente às telas, e deixam de se movimentar (CRESCER, 2015, s/p)”. Neste ponto de vista, as crianças estariam realizando pouca movimentação do corpo, por consequência disso e atualmente com a pandemia, é preciso que os pais prestem atenção em seus filhos e que permitam diversas atividades de lazer, buscando estimular suas habilidades motoras. Ainda assim, os especialistas em nutrição explicam que na hora da refeição, por estarem em frente às telas, as crianças tendem a não prestar atenção no que estão comendo. Reforça-se, então, a necessidade de que os pais evitem que as crianças utilizem aparelhos eletrônicos durante as refeições.

Esta categoria de corporeidade também está associada à categoria que aborda questões sobre o rendimento escolar. Médicos ingleses apontam que

[...] as crianças estão com dificuldades em segurar lápis e canetas devido ao uso excessivo de tecnologia. Tablets e smartphones, especialmente os sensíveis ao toque, quando utilizados exageradamente podem fazer com que os músculos dos dedos das

crianças não se desenvolvam o suficiente para permitir que os pequenos segurem um lápis corretamente. (CRESCER, 2018 s/p)

A análise da categoria sobre o rendimento escolar surge como consequência de todos os outros problemas relacionados à exposição das crianças pequenas às telas, conforme apresentado na análise das categorias anteriores. Tais problemas e argumentos das matérias alertam para os riscos em “aspectos cognitivos” (cérebro, concentração, atenção), “questão física” (desinteresse e cansaço) e alguns deles têm base em “aspectos comportamentais” (irritabilidade, agressividade). Dentre as matérias analisadas, 21 associam os problemas causados pelo uso de dispositivos eletrônicos e das telas ao rendimento das crianças na escola.

Embora as matérias selecionadas discutam essencialmente a realidade de crianças pequenas – do 0 aos 5 anos – reforçam-se as dificuldades que podem ter em seu percurso estudantil, mesmo que essas ainda não estejam frequentando a escola formalmente, os argumentos aparecem como uma projeção futura. Nota-se que a área da saúde tem essa tendência de falar sobre o rendimento escolar, sendo uma questão da área da educação.

O argumento mais utilizado pelos especialistas na área da saúde em relação ao rendimento escolar diz respeito ao comprometimento do desenvolvimento cognitivo das crianças, dando centralidade, principalmente, ao desenvolvimento cerebral. De acordo com a neurocientista Maryanne Wolf (2019, s. p) “[...] as telas, sempre em movimento, diluem o foco de atenção, estimulam a realização de várias tarefas ao mesmo tempo e privilegiam o processamento rápido de uma grande quantidade de informações sem profundidade”.

Apesar de a Revista Crescer apresentar conteúdos diversos sobre a infância, percebe-se que é um artefato endereçado a adultos, principalmente para mães e pais. Identificou-se no conteúdo da revista certo viés “pedagogizante” (caráter de ensinar algo para alguém), com intenção formativa sobre o desenvolvimento e o comportamento de filhos. Esse caráter formativo da revista diz respeito aos processos de aprendizagem que os pais constroem na criação e educação dos filhos. As diferentes sociedades estabelecem relações também diversas de cuidado, entre princípios da mãe e do pai, de valores e na maneira de cuidá-los. Para Lins (2011, p. 83-84), “nas interações didáticas com a mãe e ou com pai, a criança aprende sobre a

diferenciação e sincronização de comportamentos com cada parceiro, e estes aprendem o mesmo com a criança”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, é possível dizer que o uso das tecnologias digitais desperta posições tanto positivas quanto negativas. Atualmente, o contato com telas, computadores, celulares, tablets, televisão, videogames, permite que muitos pais deixem seus filhos, de certa forma, a mercê dessas ferramentas, o mesmo acontece nas creches e nas escolas de Educação Infantil.

Analisando as matérias selecionadas do artefato escolhido, a Revista Crescer, a partir de seus argumentos, evidencia-se um posicionamento negativo, exibindo o uso excessivo de aparelhos eletrônicos para a primeira infância, em aspectos do desenvolvimento, comportamento, intelectual, despertando para os danos que podem causar, apresentado pela área da saúde. Alguns conteúdos apontam dicas de organizações e de associações para bebês, crianças e pais como citadas anteriormente, tendo em vista o uso controlado, limitado (tempo, horário, conteúdo) das telas. Com base no contexto apresentado, torna-se necessário enfatizar diferentes posições sobre o uso de recursos tecnológicos e mídia para as práticas educacionais, pois para alguns servem como meio de inovação e configuram uma fundamental ferramenta pedagógica. Porém, para outros, são usadas como forma de passatempo sem intenção de desenvolver os aspectos intelectual, emocional ou físico. Por sua vez, para muitos educadores é um desafio reconhecer a tecnologia como responsável por possibilitar conhecimento, cultura, relações sociais e novas aprendizagens.

Com isso, esta pesquisa visou contribuir com o debate nas escolas infantis, que buscam subsidiar sua prática pedagógica por meio da construção de uma argumentação mais sólida a favor ou contra a utilização de telas e tecnologias digitais. A criança, desde muito pequena, está em contato constante com produções audiovisuais, tanto no ambiente familiar quanto escolar, assistindo à televisão, utilizando celulares ou tablets. No entanto, tem-se questionado se esse contato frequente com telas traz benefícios ou se pode ser prejudicial ao desenvolvimento infantil, o que é importante para a reflexão sobre o seu uso. Este estudo poderá subsidiar a construção de uma argumentação mais concisa, pelo viés da educação, sobre a utilização e a presença dos audiovisuais nas escolas de Educação Infantil, tendo por foco crianças de 0 a 5 anos.



Por conta da pandemia de COVID-19, os pais passam a trabalhar em plataformas de *home office*, realizando tarefas, cuidando de seus filhos em casa e, por isso, bebês e crianças estão mais expostos aos aparelhos eletrônicos, uma vez que nesse momento não vão para creches e escolas, por tempo indeterminado, sem contato com seus amigos e familiares, podendo causar preocupação aos pais. Portanto, a partir dos resultados da pesquisa, é perceptível que os pequenos saibam mexer em dispositivos eletrônicos, porém não tem noção dos riscos que podem ocorrer a sua saúde, nem sabem como as telas eletrônicas podem ser favoráveis à aprendizagem e ao desenvolvimento. Além disso, torna-se necessário enfatizar a importância de realizar outras brincadeiras diárias em ambientes abertos. Assim, é

fundamental o acompanhamento dos pais e professores, utilizando os recursos tecnológicos de maneira saudável e equilibrada.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

A LUZ azul das telas faz mal para a visão do meu filho? **Crescer**, São Paulo: Globo, 30 abr.2019. Disponível em:

<https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Saude/noticia/2019/04/luz-azul-das-telas-faz-mal-para-visao-do-meu-filho.html> Acesso em 2 jun. 2020

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 1977.

BERGAMO, Giuliana. 38% das crianças com menos de 2 anos já têm um aparelho digital, como tablet ou celular. **Crescer**, São Paulo: Globo, 28 jun. 2018. Disponível em:

<https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Comportamento/noticia/2018/06/38-das-criancas-com-menos-de-2-anos-ja-tem-um-aparelho-digital-como-tablet-ou-celular.html> Acesso em 2 jun. 2020

BEZERRA, Flavia. Uso de tablets à noite atrapalha rendimento escolar das crianças, diz estudo. **Crescer**, São Paulo: Globo, 21 abr. 2014. Atualizado. 23 abr. 2014. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Desenvolvimento/noticia/2014/04/uso-de-tablets-noite-atrapalha-rendimento-escolar-das-criancas-diz-estudo.html> Acesso em 2 jun. 2020

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2000

COSTA, Marisa Vorraber. ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. **Perspectiva**,

Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 843 –862, maio/ago. 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n2p843/31267> Acesso em 02 set. 2020.

CRIANÇAS estão com dificuldades para segurar lápis devido ao uso excessivo de aparelhos eletrônicos, alertam especialistas. **Crescer**, São Paulo: Globo, 07 mar. 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Curiosidades/noticia/2018/03/criancas-estao-com-dificuldades-para-segurar-lapis-devido-ao-uso-excessivo-de-aparelhos-eletronicos-alertam-especialistas.html> Acesso em 9 jun.2020

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, dez. 1998. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3014-Texto%20do%20artigo-10387-1-10-20080410.pdf> Acesso em 17 ago. 2020.

EXPOSIÇÃO à luz antes de dormir é mais prejudicial para crianças, diz estudo. **Crescer**, São Paulo: Globo, 20 abr.2018. Disponível em:

<https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Sono/noticia/2018/04/exposicao-luz-antes-de-dormir-e-mais-prejudicial-para-criancas-diz-estudo.html> Acesso em 9 jun. 2020

GASPARINI, Nicole. Estudo aponta para diferenças estruturais no cérebro de crianças pelo uso das telas. **Crescer**, São Paulo: Globo, 13 nov. 2019. Atualizado. 14 nov 2019. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Desenvolvimento/noticia/2019/11/estudo-aponta-para-diferencas-estruturais-no-cerebro-de-criancas-pelo-uso-de-telas.html> Acesso em 11 jun. 2020

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas-RAE**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, maio/Jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf> Acesso em 8 jul. 2020

LINS, Zoraide Margaret Bezerra. **Metas parentais de socialização de mães e pais em relação ao desenvolvimento de seus filhos**. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6900/1/arquivototal.pdf> Acesso em 17 ago. 2020.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Artefatos culturais: algumas possibilidades para promoção de uma educação para sexualidade. **Rev. Diversidade e Educação**, v.1, n.1, p. 45-46, jan./jun. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/ideau/Downloads/6232-Texto%20do%20artigo-18920-1-10-20170125.pdf> Acesso em 31 mai. 2020

MENINA de 4 anos sofre danos oculares graves por exposição excessiva às telas, diz pai. **Crescer**, São Paulo: Globo, 15 mar. 2019. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Saude/noticia/2019/03/menina-de-4-anos-sofre-danos-oculares-graves-por-exposicao-excessiva-telas-diz-pai.html> Acesso em 11 jun. 2020

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). O desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.



MONTANO, Fernanda; ECHEVERRIA, Malu. Por que limitar o tempo de tela das crianças? **Crescer**, São Paulo: Globo, 12 abr. 2018. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Comportamento/noticia/2018/04/por-que-limitar-o-tempo-de-tela-das-criancas.html> Acesso em 9 jun. 2020

ONGARATTO, Sabrina. Crianças devem passar menos tempo sentadas e praticar mais atividades físicas, orienta OMS. **Crescer**, São Paulo: Globo, 25 abr. 2019. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Saude/noticia/2019/04/criancas-devem-passar-menos-tempo-sentadas-e-praticar-mais-atividades-fisicas-orienta-oms.html> Acesso em 2 jun. 2020

\_\_\_\_\_, Sabrina. OMS relaciona telas com aumento de casos de miopia. **Crescer**, São Paulo: Globo, 11 out. 2019. Disponível em:

<https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Saude/noticia/2019/10/oms-relaciona-telas-com-aumento-de-casos-de-miopia.html> Acesso em 11 jun. 2020

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais** v. I, n. I, Jul de 2009

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L.. **Cultura Infantil**: A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.

TAKEMOTO, Denise Tomiko Arakaki; BROSTOLIN, Marta Regina. Professores de Educação Infantil: concepções e práticas pedagógicas relacionadas à inserção das Tecnologias. **Série Estudos**, Campo Grande, MS, n. 39, p. 73-87, jan./jun. 2015.

VIEIRA, Maria Clara; BERBET, Susana. Obesidade infantil: como ela afeta a saúde do seu filho. **Crescer**, São Paulo: Globo, 22 dez. 2015. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Crianças/Saude/noticia/2015/12/obesidade-infantil-como-ela-afeta-saude-do-seu-filho.html> Acesso em 11 jun. 2020

